



## **Pandemia e pós-pandemia: percepção dos docentes frente ao seu trabalho e sua qualidade de vida em decorrência da Covid-19**

**Débora Dias**

Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Mestranda em Educação

deboramatosireno@yahoo.com.br

**Juliana Cordeiro Soares Branco**

Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Pós-doutora em Educação

juliana.branco@uemg.br

**Resumo:** A Pandemia de Covid-19 trouxe mudanças no mundo do trabalho em diversos setores da sociedade. Na educação não foi diferente e, durante o período de distanciamento social, as consequências dessa nova forma de trabalho podem ter agravado o estado de adoecimento mental dos docentes e sua percepção de qualidade de vida. Este artigo, de revisão bibliográfica, buscou resultados de pesquisas que apontassem como o docente se sentia ao longo e após o trabalho remoto e se esse profissional recebeu suporte e acolhimento por parte da gestão escolar na execução de seu trabalho. Após pesquisa na plataforma Google Acadêmico, ao usar critérios de seleção preestabelecidos, obteve-se periódicos como Cadernos da Educação, Saúde e Pesquisa, Pesquisa e Sociedade e Desenvolvimento, Revista Psicologia em Pesquisa que trouxeram recentes pesquisas acerca do tema proposto. Os artigos pesquisados apontaram como o docente se sentiu cansado física e mentalmente, preocupados consigo e com os alunos, além da necessidade de mais estudos no período pós trabalho remoto, os quais possam embasar projetos e políticas públicas para atender às demandas desses profissionais no novo contexto social e laboral.

**Palavras-chave:** Aulas presenciais; Educação; Trabalho remoto.

### **Introdução**

A qualidade de vida, a saúde mental e o suporte que o docente recebe - ou não - da instituição onde leciona é uma demanda que tem chamado minha atenção há algum tempo. A possível perda da qualidade de vida e todas as consequências que podem acometer aqueles que desenvolvem alguma forma de adoecimento mental devido ao ambiente de trabalho escolar e

toda a estrutura ligada à profissão docente tem merecido estudos das diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais (Rêgo; Oliveira, 2017; Pentead; Souza Neto, 2019; Diehl; Marin, 2016).

Ao longo do tempo de magistério, percebemos colegas desenvolvendo depressão, Síndrome do Pânico, crises de ansiedade, *Burnout*, além de patologias relacionadas à má circulação sanguínea - devido a permanecer horas em pé - perda vocal, distúrbios alimentares, dentre outros. Colegas com atestados médicos, afastamentos e ausências que muitas vezes dificultam não só as relações no ambiente escolar e o andamento das atividades de ensino junto aos alunos - razão de ser do processo educacional - mas, principalmente, dificultam sua vida pessoal e emocional. Nesse contexto, não raro, o docente se vê diante de “tratamentos” que muitas vezes não o trata, vê-se hostilizado pelo gestor público e/ou pela comunidade escolar como um todo, devido às faltas ao trabalho. Ele ainda enfrenta as consequências da perda de parte do seu salário, dependendo do tempo de afastamento ou licença médica. Observando esses dados, começamos a refletir sobre os cuidados e o acolhimento que são oferecidos dentro de uma instituição pública para seus funcionários diante do adoecimento em decorrência dos anos de trabalho. Ou seja, de que forma os gestores educacionais estão olhando, acolhendo, cuidando dos profissionais que atuam diretamente com os alunos, em sala de aula? E qual é a percepção de qualidade de vida desses docentes em decorrência da vida profissional?

Esses questionamentos tornaram-se mais manifestos ao longo do período da Pandemia da Covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2. Tão logo a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que estávamos vivendo uma pandemia, uma crise emergencial de nível global, o distanciamento social e o trabalho remoto tornaram-se práticas sociais em todos os países, como forma de salvaguardar a população do então desconhecido vírus (Organização Mundial de Saúde, 2020).

Sabemos, por pesquisas anteriores ao período pandêmico (Rêgo; Oliveira, 2017; Pentead; Souza Neto, 2019; Diehl; Marin, 2016), que o docente já se apresentava adoecido por questões diversas ligadas ao magistério. Pensando num contexto pandêmico, período vivido entre março de 2020 e maio de 2023 (OMS, 2023) e que trouxe demandas nas diversas áreas da vida – social, profissional, financeira, familiar – esse docente mostrou-se ainda mais adoecido, conforme algumas pesquisas e estudos.

Ainda no primeiro momento da pandemia e consequente trabalho remoto estabelecido para que a comunidade escolar continuasse em ação, alguns autores e institutos iniciaram pesquisas junto a esses profissionais, em diversas realidades educacionais, a fim de se obter dados que mostrassem o quanto o docente pudesse ou não ter piorado seu estado de

saúde mental, sua percepção de qualidade de vida. Foram pesquisas realizadas quando ainda não se tinha um cenário preciso do que era a pandemia. Já no segundo ano de pandemia, outras pesquisas foram realizadas dentro de um cenário mais estabelecido (e não menos temeroso). Tais dados apontaram possíveis respostas e direcionamentos sobre como lidar com o profissional e atualizar sua prática docente no novo contexto laboral.

Esta revisão bibliográfica tende a trazer alguns dos estudos realizados a partir de 2021 e seus indicativos sobre a percepção de qualidade de vida do docente nesse período, bem como sobre o acolhimento, o cuidado com o profissional ao longo do trabalho remoto e no retorno às aulas presenciais. Foram coletados estudos no Google Acadêmico com publicação a partir de 2022, tendo como buscadores os termos “Covid-19 E docência E qualidade de vida”, “docência E pós-pandemia”, “docência E qualidade de vida E pandemia”, “docência e Covid-19”. Foram excluídos artigos que abordassem ensino superior e suas variações, além de dissertações e artigos redigidos em língua que não fosse a portuguesa (português do Brasil). Pretendemos que a análise desses estudos possa embasar a pesquisa realizada com docentes do Ensino Fundamental II na rede municipal de Barbacena, Minas Gerais.

Na busca na referida plataforma, encontramos o quantitativo de *links* a serem acessados apontados pelas palavras-chaves:

Tabela 1: Pesquisa bibliográfica preliminar

<b>Descritores</b>	<b>Número de artigos encontrados</b>	<b>Artigos de revisão</b>
“Covid-19 E docência E qualidade de vida”	14.100	229
“Docência e Pós-pandemia”	16.300	374
“docência E qualidade de vida E pandemia”	15.200	268
“docência e Covid-19”	16.300	319

Selecionamos os abaixo referendados devido à proximidade com o tema de pesquisa - os docentes e sua percepção de qualidade de vida no retorno às aulas presenciais - e que trouxessem resultados de pesquisas já finalizadas, além de seus desdobramentos, tais como matérias e reportagens na mídia.

Quadro 1: Artigos selecionados para a pesquisa bibliográfica sobre a temática

<b>Título</b>	<b>Autor(es) Autora(as)</b>	<b>Ano da publicação</b>	<b>Periódicos OU link de acesso</b>
---------------	---------------------------------	------------------------------	---

**Pandemia e pós-pandemia: percepção dos docentes frente ao seu trabalho e sua qualidade de vida em decorrência da Covid-19**

Entre máscaras, ansiedades e expectativas: desafios enfrentados por professoras no retorno ao ensino presencial	Andrade, S. D. S.; Sperrhake, R.; Piccoli, L.; Nunes, M. F.	2022	Cadernos de Educação
Pandemia da Covid-19 e educação escolar: uma perspectiva de professores, famílias e crianças	Assis, L. R.; Conceição, A. F. S.	2023	Revista JRG de Estudos Acadêmicos
A saúde mental dos professores: a espiritualidade como estratégia protetiva em tempos de pandemia	Caetano, Souza, Costa, Silva, Dell'Agli	2022	Saúde e Pesquisa
Reflexões sobre ensino remoto emergencial e saúde mental de professores de escolas públicas	Diniz, L. F.; Silva, A. M.; Santos, A. L. C. dos; Clarindo, J. M.; Queiroz, A. H. A. B.; Santos, F. C. P. dos; Grangeiro, M. F.; Santos, A. M. C. dos	2022	Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento
Síndrome de Burnout em professores durante a pandemia da Covid-19	Santos, Isabela Teodoro dos <i>et al.</i>	2023	Revista Psicologia em Pesquisa
Docência e Covid-19: Percepções de educadores da rede paulista de ensino	Grandisoli, E.; Jacobi, P. R.; Marchini, S.	2023	Estudos em Avaliação Educacional
As diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência.	Hodges, Charles <i>et al.</i>	2020	Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia
Pesquisa de sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil	Instituto Península	2020	Instituto Península
A situação dos professores no Brasil durante a pandemia	Nova Escola	2020	Nova Escola
Pensar criticamente a formação docente no período pós pandêmico.	Oliveira, D. A.	2022	Formação em movimento
Ser professor na pandemia: impactos na saúde mental	Paz, Eduarda	2021	Revista Arco
Pandemia Covid-19, saúde mental, apoio social e sentido de vida em professores	Santos, K. D. A.; Caldas, C. M. P.; Silva, J. P. da	2022	SciELO Preprints

---

Docência na Educação Básica privada em tempos de pandemia	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente	2020	<a href="https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/RELATORIO-COMPLETO-1011.pdf">https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/RELATORIO-COMPLETO-1011.pdf</a>
---	---	------	---

---

Esses trabalhos apresentam resultados de pesquisas que apontam como o docente se sentia ao longo e após o trabalho remoto e se recebeu suporte e acolhimento por parte da gestão escolar na execução de seu trabalho. A análise será apresentada a seguir.

### **Referencial teórico**

Em março de 2020, a OMS declarou que estávamos vivendo a Pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus, denominado SarsCov2. Dentre várias regras de contenção para evitar a disseminação do vírus e toda a sua consequência, o distanciamento social foi uma das praticadas em todos os setores da sociedade em nível mundial. No Brasil, não foi diferente e, num gesto acompanhando o restante do mundo, tivemos vários setores da indústria, educação e afins fechados por um período de tempo. Pelo espaço escolar ser um local de grande trânsito de pessoas, em todos os níveis e sistemas educacionais, ele foi um dos primeiros lugares a fechar presencialmente e um dos últimos a retornar ao funcionamento com todos os seus atores – docentes, discentes e demais profissionais. Desde o fechamento das escolas até a sua plena abertura foram meses - ou dois anos, a depender do município e/ou estado - de vivências e sequelas que farão parte do agir docente e discente no novo contexto educacional.

A Pandemia da Covid-19 provocou também novas formas de trabalho em diversos setores profissionais e, na educação, talvez, teve sua forma mais determinante no que tange à mudança de estrutura laboral. Através do Parecer n. 05 de 2020 do Conselho Nacional de Educação, ficou estabelecido que o contato com os alunos seria através das atividades remotas e online durante o tempo de pandemia, o ensino remoto emergencial (ERE). Essas situações adversas na vida docente podem ter trazido uma percepção negativa acerca da sua qualidade de vida, da sua saúde mental.

A qualidade de vida, segundo a Organização Mundial de Saúde (1997), pode ser conceituada como

percepção individual de sua posição na vida no contexto da cultura e dos sistemas de valores em que vivem e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito amplo afetado em uma forma complexa pela saúde física da pessoa, estado psicológico, nível de independência, relacionamentos sociais, crenças pessoais e suas relação com as características marcantes de seu meio ambiente (Organização Mundial de Saúde, 1997, p. 1).

Pelo exposto, concluímos que a qualidade de vida é um constructo individual, um fenômeno de percepção particular, mas que tem forte influência do que acontece ao redor do indivíduo. O ambiente onde o indivíduo está e tudo o que ali acontece exercem influências sobre a percepção do que é ou como está a qualidade de vida de determinada pessoa.

Trabalhando direto de sua casa, o docente realizava o Ensino Remoto Emergencial (ERE), onde ele planejava as atividades, enviava-as para os alunos, recebia feita, corrigia e enviava o *feedback* para os alunos. Esse movimento aumentou a demanda do professor diante de todas as dificuldades estruturais e emocionais vividas. A ERE, Hodges *et al.* (2020) discorrem que esse foi uma opção de ensino alternativo diante da crise sanitária vivenciada e que trazia à tona o uso de soluções para as atividades que seriam ministradas presencialmente. Buscando se estruturar da melhor forma possível para conseguir atuar profissionalmente nesse novo contexto, o professor precisou equilibrar os sentimentos causados pelo caos da pandemia com o caos das demandas domésticas e as escolares. Assim, a sua percepção de qualidade de vida, a sua saúde mental, o seu agir docente podem ter sido prejudicados, o que afeta diretamente sobre o processo ensino-aprendizagem.

### **O que dizem os estudos sobre os docentes na pandemia**

De forma emergencial, foram realizadas pesquisas por institutos de educação logo no início da pandemia (Nova Escola, 2020; Instituto Península, 2020; Universidade Federal de Minas Gerais, 2020). Os resultados capitaneados nessas pesquisas traziam o que empiricamente já se supunha: os docentes estavam mais adoecidos, frustrados, angustiados, temerosos com sua saúde e a dos seus familiares, temerosos também quanto às questões sociais e financeiras suas e dos seus. Eles ainda tentavam fazer com que seus alunos não perdessem o ano escolar, variando a forma de estudar, buscando alternativas além das que eram (im)postas pelos sistemas e redes educacionais. O resultado disso tudo foi diversificado para docentes da educação básica da rede pública e da rede privada, no que tange ao conhecimento prévio sobre uso das mídias e tecnologias, mas essa diferenciação não impediu que estes também adoecessem ao longo do

processo laboral pandêmico. À medida que os resultados das pesquisas eram apontados, buscava-se direcionar também orientações para os docentes se cuidarem emocional e profissionalmente, com dicas sobre autocuidado que abrangiam questões mentais, atividades físicas, rede de apoio, organização e rotina de trabalho, dentre outras. Havia também orientações para os gestores educacionais, compreendendo desde o suporte técnico até suporte emocional e acolhimento para os docentes durante o período de distanciamento social e atividades online e remotas. Esses estudos acima descritos serviram de base para os posteriores, pois há várias referências dos mesmos em pesquisas e artigos descritos nos anos seguintes a 2020. Por isso, a importância de citá-los neste artigo, apesar da revisão bibliográfica selecionar artigos a partir de 2022.

Santos *et al.* (2022) realizaram estudo com 23 professores sobre a percepção da pandemia na saúde mental atrelada ao trabalho, sentido de vida e apoio social. Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico e a uma entrevista semiestruturada, contendo 21 perguntas. A análise dos dados apontou, dentre outras conclusões, que a pandemia e a forma de trabalho - remoto, online, e toda a pressão e angústia vivenciada - têm implicações na saúde mental do docente e que o apoio social faz parte dos recursos para o enfrentamento ao adoecimento. Os autores propõem que haja estudos pós-pandemia sobre a saúde mental docente devido aos efeitos longitudinais do momento vivido. Diniz *et al.* (2022) corroboram esta proposta em seu estudo sobre a saúde mental de professores. Ao entrevistar, via questionário, um grupo de sete professores da educação básica da rede pública, obtiveram como resultados o esgotamento emocional dos docentes e preocupação com a defasagem de aprendizagem dos alunos, dentre outros. Os autores concluem sobre “a importância de se pensar em ações que promovam a saúde mental dos professores nesses tempos que ainda exigem adaptação e reinvenção” (Diniz *et al.*, 2022, p. 1).

Ainda em seu estudo, Diniz *et al.* (2022) pontuaram que o Ensino Remoto Emergencial “trouxe à tona as dificuldades dos docentes que atuam em escolas públicas” (p. 3), além de demonstrar que essa não era uma opção que atendia a todos os professores nem a todos os alunos, provocando desgastes emocionais e educacionais em ambos. Como uma das conclusões do seu estudo, os autores pontuam que tal tema - saúde mental do professor na pandemia - abre caminho para mais estudos que podem levar às políticas públicas com vistas à promoção da saúde mental dos docentes bem como a valorização desse profissional.

No estudo de Caetano *et al.* (2022), com o objetivo de avaliar questões relacionadas à espiritualidade, bem-estar e proteção ao estresse causado pela pandemia, 733 professores de

diversas regiões do Brasil responderam de forma online a questionários cujos dados analisados apontaram que a espiritualidade é um fator auxiliar contra o estresse. Porém, os autores pontuam que

No período atual estudos relacionados à saúde mental dos docentes mostram-se necessários, tendo em vista que com o adoecimento dos mesmos, a escola como um todo adoce e sua função social - a formação de cidadãos para viverem em um regime democrático - acaba sendo severamente prejudicada (Caetano *et al*, 2022).

Sobre saúde mental, percepção de qualidade de vida, apoio ao trabalho, dentro do contexto ensino-aprendizagem e seus principais atores - professores e alunos - os citados autores concordam que, quando um professor adoce, há implicações e sequelas para ele e para toda a comunidade escolar. Assim, há a necessidade de mais investigação sobre como promover a saúde e/ou evitar o adoecimento docente, com apontamentos baseados em evidência científica, que poderão embasar a elaboração de políticas públicas para educação e para a saúde.

No segundo semestre de 2020, Santos *et al* (2023) realizaram pesquisa com amostra de 467 professores que atuavam remotamente no ensino fundamental e/ou médio, tanto em escolas públicas quanto em particulares brasileiras. Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico composto por 19 questões e os dados obtidos mostraram que a maioria não dispunha de boa estrutura física para trabalhar remotamente, encontravam-se em estado de saúde mental no nível regular e apresentavam bom desempenho para uso das plataformas digitais e elevado risco para desenvolvimento da síndrome de *Burnout*. Esses dados sobre a prevalência para tal síndrome demonstram que os professores se encontram numa categoria “adoecida”, vulnerável, conforme estudos pré pandemia.

Portanto, se faz premente o investimento nas condições físicas e de infraestrutura de trabalho destes profissionais, em programas de capacitação, mas também se faz necessário fomentar o apoio e reconhecimento social dos professores de todo o país. Cumpre igualmente a todos cidadãos a função de pressionar os agentes políticos para que sejam criadas políticas de assistência e promoção de saúde mental desta população (Santos *et al*, 2023, p. 19).

No mesmo período de 2020, Grandisoli; Jacobi; Marchini (2023) realizaram pesquisa com docentes da rede paulista de ensino. Cerca de 19 mil professores responderam ao questionário “Educação, docência e a covid-19”, cujos resultados demonstraram tais profissionais receosos, ansiosos, inseguros na sua prática devido ao uso da tecnologia. Ou seja, corroboraram demais resultados já pontuados neste artigo.

Com o passar dos meses, devido ao avanço da ciência na busca por soluções para combater a Covid-19 e suas consequências e sequelas, vislumbrou-se um retorno às aulas presenciais. Assim, passou-se a elaborar pesquisas sobre o estado atual desse profissional e de que forma ele e a comunidade escolar estavam preparados ou não para tal momento.

### **O retorno às aulas presenciais e o pós-pandemia**

À medida em que a vacinação contra a Covid-19 avançou para as diversas faixas etárias e grupos profissionais no Brasil, houve a elaboração de protocolos de retorno às aulas presenciais, iniciando, por ordem crescente de idade, pelas crianças até contemplar os adolescentes do Ensino Médio. No estado de Minas Gerais, os protocolos começaram a ser implantados no segundo semestre de 2021. Em forma de rodízio e facultativo, mantendo ainda a atividade remota e online, os discentes retornaram às salas de aula presenciais nas escolas públicas (Minas Gerais, 2021), enquanto os docentes retornaram em sua totalidade. Além da reformulação dos espaços físicos para atender às normas de segurança, fizeram-se atividades de acolhida para os alunos e famílias, contemplando os tempos/espacos e sentimentos que traziam como sequelas da pandemia. Porém, o que foi feito para acolher o docente, de que forma ele foi recebido nesse novo ambiente educacional?

No ano de 2022, já com a totalidade de alunos em sala de aula, alguns protocolos ainda se mantinham, tais como uso de máscaras e o álcool gel. Aquele docente que havia passado cerca de 18 meses trabalhando de forma remota, de dentro da sua casa, agora se via retornando ao espaço laboral escolar 100% ativo, com todas as suas demandas pré pandemia, acrescidas das demandas do processo ensino-aprendizagem surgidas ao longo do período de trabalho remoto e/ou online.

Estudos desse período de retorno às aulas presenciais apontam o nível de estresse no qual os docentes se encontravam. Assis; Conceição (2023), no estudo envolvendo discentes e seus responsáveis e também docentes, através de aplicação de questionário e entrevista narrativa, encontraram dados que apontavam para o grau de estresse, angústia, incertezas quanto à educação escolar por parte dos três grupos envolvidos.

As evidências encontradas neste estudo indicam que o distanciamento social provocado pela pandemia da Covid-19 se relaciona com repercussões emocionais associadas ao contexto da educação escolar após o retorno às aulas presenciais tanto para os professores, quanto para as famílias e crianças. As

repercussões analisadas foram: marcas no âmbito emocional, afetivo, social, cognitivo e familiar dos alunos (Assis; Conceição, 2023, p. 105).

As autoras concluem que há a necessidade de se estruturar estratégias para acolher docentes e discentes no contexto pós-pandemia, bem como realizar estudos que demonstrem como está a adaptação desses atores ao ambiente escolar após o período de distanciamento social.

Oliveira (2022), ao analisar os resultados da pesquisa UFMG (2020), busca pontuar a necessidade de se estruturar a formação inicial dos docentes após o período de pandemia, devido ao fato de todo o sistema educacional ter passado por reformulações dentro desse contexto emergencial.

A escola não será mais a mesma nem no sentido objeto, nem simbólico e subjetivo, seja pela incorporação de novas tecnologias e alterações nos procedimentos de realização do trabalho, acelerados pela pandemia, seja porque a sociedade também está mudando muito nesse contexto pandêmico. O período de distanciamento físico e social exigiu novas interações, novas configurações de jornada de trabalho e de organização da atividade que trazem mudanças substantivas para a cultura escolar e para as relações de trabalho na escola (Oliveira, 2022).

Ao considerar esta autora, há de se pensar tanto na formação inicial dos professores bem como a forma como tal profissional é acolhido em seu próprio ambiente de trabalho, principalmente após o retorno às aulas presenciais e todas as demandas que este impôs: recomposição de aprendizagem, readaptação física e emocional ao ambiente escolar, utilização de mídias e aparelhos eletrônicos que antes não faziam parte da prática docente e agora já se tornaram comuns em diversas instituições de ensino, nas particulares principalmente. Ou seja, tanto a formação inicial quanto a formação continuada de professores, dos professores, ganha novo peso e novo direcionamento, alcança patamar de importância como uma das formas do docente estar mais bem preparado para as demandas da sala de aula nesse contexto. Grandisoli, Jacobi; Marchini (2023), corroborando a autora, refletem que

nesse momento de retorno às atividades presenciais, faz-se urgente a compreensão de como e o quanto as defasagens de estudantes e professores se acentuaram, uma vez que já existiam na pré-pandemia, e isso demanda criar estratégias para superá-las de forma mais assertiva, inclusiva e solidária (Grandisoli; Jacobi; Marchini, 2023, p. 19).

A respeito do retorno às aulas presenciais, Andrade *et al.* (2022) realizaram pesquisa de cunho qualitativo, com metodologia “grupo focal”. Nesse, 11 docentes

participaram e “os relatos de cada uma das professoras evidenciaram sobremaneira como foi o retornar à escola, (re)ocupar esse espaço, realizar as atividades da sala de aula após todo o tempo de afastamento” (Andrade *et al*, 2022, p. 8). Mesmo que as participantes falassem algo em torno dos seus sentimentos pessoais, aspectos socioafetivos e ansiedade para o retorno ao presencial, o artigo abrangeu em sua maior parte a reação e preocupação das participantes em relação aos seus alunos. Tal fato pode corroborar o que já tinha sido percebido antes e durante a pandemia: muitas vezes, o docente deixa de se preocupar consigo mesmo para olhar o seu aluno.

Ao buscar os termos “docência e pós-pandemia” no Google Acadêmico, dentro da perspectiva deste artigo, não encontramos estudos que trazem dados sobre o estado global do docente no seu retorno às aulas presenciais, como aconteceu o retorno e se houve acolhimento, suporte, projetos efetivos para atender às suas demandas laborais nesse contexto laboral.

### **Considerações finais**

Ao ler os estudos acima e ver, na nossa prática docente, a forma como retornamos às salas de aula presenciais, surge a dúvida: como realmente voltamos ao trabalho *in loco*? De que forma voltamos física e emocionalmente às salas de aula e quais bagagens e sequelas trazemos dos tempos pandêmicos que irão interferir no processo ensino-aprendizagem? O que tem sido feito para que os docentes consigam seguir com seu magistério, atuando junto ao aluno, após este tempo de pandemia e todas as defasagens que vieram na esteira desse tempo? Surge, assim, a necessidade de continuar estudando o docente e sua saúde mental, entender qual a sua percepção acerca de qualidade de vida e, de forma científica, apontar como ele se encontra no período pós-pandemia.

Nesta direção, para trabalhos futuros se indica a necessidade de compreensão das fontes de reconhecimento do trabalho destes professores durante a pandemia da COVID-19, bem como das estratégias de defesa e recursos sociais e psíquicos que se utilizam para se blindar do sofrimento e adoecimento profissional (Santos *et al*, 2023, p. 20).

Nos estudos apontados, há indicação semelhante: a necessidade de continuar estudando a saúde mental do docente, a sua percepção quanto ao bem-estar e qualidade de vida após a pandemia, afinal “os efeitos na saúde mental vão continuar presentes, pois envolvem tanto fatores da vida pessoal, quanto externos, como aqueles relacionados à situação socioeconômica e sanitária do país” (Paz, 2021, p. 6).

Ficam os questionamentos: foram desenvolvidas políticas públicas que pudessem ser adotadas para atender de forma efetiva a esse docente a fim de que ele não se encontrasse sozinho no cuidado com sua saúde mental e profissional? Ainda, pelo exposto nos artigos sobre estudos durante a pandemia, os professores sentiram falta de não ter uma formação na área de tecnologias e isso os afetou na forma de conduzir seus trabalhos. Será que, ao retornar às salas de aula, os professores estão com acesso à formação continuada, não somente para uso das tecnologias digitais, mas para sua formação global enquanto profissional da educação. E, talvez, o que mais nos inquietou no início deste artigo: será que os professores foram e estão sendo acolhidos, valorizados, atendidos pelos seus gestores no retorno presencial até o presente momento? Ou continuam tendo que lidar com todas as demandas da vida profissional sem ter apoio, suporte e acolhimento para tal?

Assim, faz-se necessário novos estudos dentro do contexto atual, a fim de se ter dados concisos sobre o docente, sua percepção de qualidade de vida em decorrência da Pandemia de Covid-19 e sua prática profissional. Com tais dados, vislumbra-se projetos de políticas públicas que atendam efetivamente às demandas dos docentes.

### **Referências**

ANDRADE, S. D. S.; SPERRHAKE, R.; PICCOLI, L.; NUNES, M. F. Entre máscaras, ansiedades e expectativas: desafios enfrentados por professoras no retorno ao ensino presencial. **Cadernos de Educação**, n. 66, 14 dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/23305>. Acesso em: 20 ago. 23.

ASSIS, L. R.; CONCEIÇÃO, A. F. S. Pandemia da Covid-19 e educação escolar: uma perspectiva de professores, famílias e crianças. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 94–110, 2023. Disponível em: <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/473>. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP n. 5, de 28 de abril de 2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-ppc005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-ppc005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 20 abr. 2022.

CAETANO, L. M.; SOUZA, J. M. de; COSTA, R. Q. F. da; SILVA, D.; DELL'AGLI, B. A. V. A saúde mental dos professores: a espiritualidade como estratégia protetiva em tempos de pandemia. **Saúde e Pesquisa**. 2022; v. 15, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/10334>. Acesso em 13 out. 2022.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, dez. 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072016000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso: 3 maio 2021.

DINIZ, L. F.; SILVA, A. M.; SANTOS, A. L. C. dos; CLARINDO, J. M.; QUEIROZ, A. H. A. B.; SANTOS, F. C. P. dos; GRANGEIRO, M. F.; SANTOS, A. M. C. dos. Reflexões sobre ensino remoto emergencial e saúde mental de professores de escolas públicas. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 7, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/30201>. Acesso em: 13 out. 2022.

SANTOS, Isabela Teodoro dos *et al.* Síndrome de Burnout em professores durante a pandemia da COVID-19. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 1-24, 2023.

GRANDISOLI, E., JACOBI, P. R., MARCHINI, S. Docência e covid-19: Percepções de educadores da rede paulista de ensino. *Estudos em Avaliação Educacional*, 34, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18222/ae.v34.9351>. Acesso em: 19 ago. 23

HODGES, Charles *et al.* As diferenças entre o aprendizado online e o Ensino Remoto de Emergência. **Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia**, Recife, v. 2, p. 1-12, abr. 2020. Disponível em: <https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17/16>. Acesso em: 14 out. 2022.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Pesquisa de sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil**. 2020. Disponível em: [https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Pulso-Sentimentos\\_-dados-compilado.pdf](https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Pulso-Sentimentos_-dados-compilado.pdf). Acesso em: 20 abr. 2022.

MINAS GERAIS. **Orientações pedagógicas para a retomada das aulas presenciais: escolas estaduais mineiras**. 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1oUSUeIQxSCPT8ififOCNv8REVgXw4Fc0/view> Acesso em: 20 abr. 2022.

NOVA ESCOLA. **A situação dos professores no Brasil durante a pandemia**. 2020. Disponível em: <https://lp.novaescola.org.br/l/vLWEcbABF1149>. Acesso em: 20 abr. 2022.

OLIVEIRA, D. A. Pensar criticamente a formação docente no período pós pandêmico. **Formação em Movimento**. v.4, i.1, n.8, p. 405-423, 2022. Disponível em <https://www.anfope.org.br/v-4-n-8-2022-formacao-de-professores-na-perspectiva-freireana-politicas-concepcoes-e-experiencias/>. Acesso em: 19 ago. 23.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Doença de coronavírus (Covid-19)**. 2022. Disponível em [https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1) Acesso em: 20 abr. 2022

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **OMS declara fim da emergência de saúde pública de importância internacional referente à COVID-19**. Disponível em <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em 19 ago. 2023

PENTEADO, Regina Zanella; SOUZA NETO, Samuel de. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 135-153, mar. 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902019000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902019000100010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 02 jul. 2020.

RÊGO, Alda; OLIVEIRA, Adriana. Qualidade de vida no trabalho de professores da educação básica: revisão integrativa. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**. v. 3, n. 11, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/6414>. Acesso em: 05 maio 2021.

PAZ, Eduarda. Ser professor na pandemia: impactos na saúde mental. **Revista Arco**. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/saude-mental-professores-pandemia/>. Acesso em: 13 de out. 2022.

SANTOS, K. D. A.; CALDAS, C. M. P.; SILVA, J. P da. Pandemia de covid-19, saúde mental, apoio social e sentido da vida em professores. **SciELO Preprints**, 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3575>. Acesso em: 14 out. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Docência na Educação Básica privada em tempos de pandemia**. Belo Horizonte: UFMG, 2020. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/RELATORIO-COMPLETO-1011.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

WHOQOL. Group Programme on Mental Health Division of Mental Health and Prevention of Substance Abuse World Health Organization. **Measuring quality of life**. 1997. Disponível em: <[https://www.who.int/mental\\_health/media/68.pdf](https://www.who.int/mental_health/media/68.pdf)>. Acesso em: 19 jul. 2021.

## **Pandemic and Post-Pandemic: faculty perceptions of their work and quality of life in light of COVID-19**

**Abstract:** The Covid-19 pandemic has brought about changes to the world of labor across various sectors of society. In education, it was no different, and during the period of social distancing, the consequences of this new way of working may have exacerbated the mental health issues among faculty and their perception of quality of life. This paper, based on a literature review, sought research findings that shed light on how faculty members felt during and after remote work and whether these professionals received support and assistance from school management while performing their duties. After conducting a search on Google Scholar, using pre-established selection criteria, academic journals such as “Cadernos da Educação”, “Saúde e Pesquisa”, “Pesquisa e Sociedade”, and “Desenvolvimento” and “Revista Psicologia em Pesquisa” were found to contain recent research on the topic at hand. The reviewed articles highlighted the physical and mental fatigue experienced by faculty members, their worry for themselves and their students, as well as the need for further studies in the post-remote work period to inform projects and public policies that address the demands of these professionals in this new social and labor context.

**Keywords:** In-Person classes; Education; Remote work.

Recebido: 29 setembro 2023

Aprovado: 01 dezembro 2024